



MY CHEMICAL ROMANCE

THREE CHEERS FOR SWEET REVENGE

edição especial dupla

SELEÇÃO DOS EDITORES + ESCOLHA DA AUDIÊNCIA

vencedores do concurso promovido pela
MOJO BOOKS e pelo fã-clube
MY CHEMICAL OBSESSION



WARNER MUSIC
BRASIL

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Esta é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos e boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram nossa mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working! Escritores dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

my chemical romance
THREE CHEERS FOR SWEET REVENGE

recontado por
VÁRIOS

FEVEREIRO DE 2008
MOJO SPECIAL VOL. 05

MOJO
BOOKS

my chemical romance

THREE CHEERS FOR SWEET REVENGE

recontado por
VARIOS

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**
REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**

PUBLICADO SOB LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



THREE CHEERS FOR SWEET REVENGE
MY CHEMICAL ROMANCE

LANÇAMENTO: **08/06/2004**
SELO: **WARNER**

PLAYLIST ORIGINAL
DO ÁLBUM

1. Helena
2. Give 'Em Hell, Kid
3. To The End
4. You Know What They Do To Guys like Us In Prison
5. I'm Not Okay (I Promise)
6. The Ghost of You
7. The Jetset Life Is Gonna Kill You
8. Interlude
9. Thank You For The Venom
10. Hang 'Em High
11. It's Not a Fashion Statement, It's a Deathwish
12. Cemetery Drive
13. I Never Told You What I Do For a Living

SELEÇÃO DOS EDITORES

Helena	por Alexandre de Melo Costa	10
Give 'Em Hell, Kid	por Larissa Soares Mendes	11
To The End	por Cristina Gonçalves	13
You Know What They Do To Guys Like Us In Prison	por Juliana Fonseca	18
I'm Not OK (I Promise)	por Guilherme Shinji	19
The Ghost Of You	por Cintia Macena	21
The Jetset Life Is Gonna Kill You	por Guilherme Shinji	22
Interlude	por Dalton Silva	24
Thank You For The Venom	por Guilherme Shinji	26
Hang 'Em High	por Beatriz Paz	28
It's Not A Fashion Statement It's A Deathwish	por Bárbara Fernandes	30
Cemetery Drive	por Guilherme Shinji	31
I Never Told You What I Do For A Living	por Rita Valdes	33



ESCOLHA DA AUDIÊNCIA

Helena	por Aléxia Milena	35
Give 'Em Hell, Kid	por Camila M.S. da Silva	36
To The End	por Sandro Vieira Vox	38
You Know What They Do To Guys Like Us In Prison	por Felipe Rabuske Costa	40
I'm Not OK (I Promise)	por Isabela Cristina B. Alvim	42
The Ghost Of You	por Camila Moura Alves	43
The Jetset Life Is Gonna Kill You	por Beatriz Paz	45
Interlude	por Ana Paula Tebexerini	46
Thank You For The Venom	por Lella Oliveira	48
Hang 'Em High	por Ana Flávia de Castro	50
It's Not A Fashion Statement It's A Deathwish	por João Victor da Silva Oliveira	51
Cemetery Drive	por Caroline Leite Grieco	53
I Never Told You What I Do For A Living	por Catherine Jimenez	55





THREE CHEERS FOR SWEET REVENGE

SELEÇÃO DOS EDITORES

O mundo evoluiu. A tecnologia cresceu. Natural que a literatura também sofresse mudanças. Assim nasceu a MOJO Books, a primeira editora digital do Brasil, que busca não só revelar novos autores, como também marcar novos rumos para a nova literatura que ainda engatinha. Diferente da hiperliteratura, a MOJO produz essa nova maneira de ler – e escrever – através da participação de entusiastas das letras, entusiastas da música e também por escritores consagrados. Por isso, um livro como esse é tão crucial. É um livro que traz adolescentes ávidos pela leitura e, mais, ávidos pela escrita. E isso, contrariando os céticos, é fruto direto das inúmeras possibilidades que só o meio digital permite. A seguir, vocês terão uma amostra disto.

Os Editores

HELENA

por **Alexandre de Melo Costa**

Ah, como te desejo. Te desejo com força, desejo com violência. Quero te oferecer um sacrifício de sangue e rosas. Oh!, rosas tão vermelhas que envergonharão toda inocência que porventura exista em você.

Quero que me mostre algo nu e verdadeiro. Algo feito de cheiro e bile forte, que seja intragável e inesquecível, pra que eu possa guardar em meus sentidos como uma ferida profunda.

Onde você pisar hoje à noite, te seguirei. Irei te olhar da esquina enquanto teu manto negro e teus pés descalços roçam o asfalto. Quisera fossem minhas costas. Do meio das sombras observo e te desejo, como te desejo.

Sinto como sou nada e como o significado de respirar é somente uma espera, enquanto você caminha pela cidade de pés nus e manto negro. Eu te convoco em silêncio: “Venha, minha dama sombria. Vamos começar uma nova eucaristia. Comungar pele, suor, sexo e sangue, pois hoje à noite nem sirenes, nem vozes, nem mortos, nem salvos nem feridos irão interromper nosso sagrado holocausto. Veja que eu te trouxe sangue e rosas, oh!, rosas tão vermelhas que envergonharão toda inocência que porventura exista em você.”

GIVE 'EM HELL, KID

por Larissa Soares Mendes

Quem era ela para pensar que poderia ocupar o lugar da minha mãe? Eu não queria e não aceitaria ela aqui. Fazia apenas dois meses que minha mãe havia morrido; meu pai nem ligou para isso. Na verdade, ele não liga pra merda nenhuma. Nunca ligou pra minha mãe, mas, mesmo assim, ela o amava. Amou-o até seus últimos dias. Mas isso, para ele, não importava, tanto que trouxe essa maldita para morar com a gente. Não, eu não a deixaria sujar esta casa. Ela não poderia ficar no lugar da minha mãe. Tudo bem que os dois se mereciam, mas eu estava aqui dentro.

Os dois dormiam. Eu talvez me arrependesse daquilo, mas não agüentaria aquela situação por muito tempo.

Peguei a faca que estava em meu bolso e, sem mais esperar, cravei-a no coração daquela mulher, que soltou um gemido agudo. Tirei a faca de seu peito e olhei para aquele homem a quem tinha de chamar de pai. Nenhum pingo de amor me fez parar e pensar. Os únicos sentimentos que eu tinha eram ódio e raiva. Dei-lhe sete facadas no peito, sem compaixão alguma. Definitivamente, ele não merecia nada.

Eu estava coberta de sangue, e os dois ali, mortos. Provavelmente já a caminho do inferno.

Não, eu não fugiria, não ia adiantar de nada mesmo. Fiquei ali. Alguém chamou a polícia, eu seria preso. Foi exatamente o que aconteceu.

Agora eu estou dentro de um carro de polícia, algemado, indo em direção à prisão. Ficarei anos e anos preso. Mesmo assim, eu nunca vou me arrepender. É indescritível a sensação de fazer mal às pessoas que também fizeram mal a você. É perfeito. Isso foi apenas a vingança, papai, vingança que eu realizei porque, infelizmente, a mamãe não pôde fazer.

Eu espero, do fundo do meu coração, que você e aquela mulher estejam ardendo no inferno. Aí tudo estará perfeito.

TO THE END

por **Cristina Gonçalves**

- Ray, você tem certeza de que quer mesmo fazer isso?
- Tenho. Absoluta.
- E nós? Como nós ficamos?
- Não existirá mais “nós”.

Enfim, o momento tão esperado chegara: eu e Ray nos casaríamos. Não conseguia acreditar que enfim me uniria, com as bênçãos, da Igreja ao meu amado.

Estava pronta. Todos os padrinhos já haviam entrado, e Ray me esperava ao pé do altar. Saí da limusine e fui rumo à igreja, com meu pai me guiando. A emoção trazida pela marcha nupcial me trouxe lágrimas e uma enxurrada de pensamentos, lembranças de todo o tempo que estivemos juntos.

Ray sempre teve uma enorme amizade com os meninos da sua banda, mas com Mikey parecia diferente. Parecia até algo mais que amizade, porque estavam juntos o tempo todo. Depois que eu e Ray noivamos, ele se distanciou. Isso foi mais estranho ainda. Mas eu achava serem apenas coisas da minha cabeça.

Cheguei ao altar e meu pai me entregou ao Ray. Ele sorriu pra mim e beijou suavemente minha testa.

A cerimônia correu tranqüila até o momento da entrega das alianças e das juras eternas.

– Raymond Manuel Toro Ortiz, você aceita Anne Fray como sua legítima esposa, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe?

– Aceito – disse com firmeza e certeza.

– Anne Fray, você aceita Raymond Manuel Toro Ortiz como seu legítimo esposo, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte os separe?

– Sim, aceito – e algumas lágrimas desceram para molhar meu sorriso.

O nosso pajem entrou com as alianças. Eram de ouro, um pouco grossas e na parte de dentro vinham os dizeres gravados: “Anne and Ray forever and ever”*. Eu ainda não as tinha visto, ele disse que fazia questão de que fosse surpresa. Ele colocou a aliança em meu dedo, eu fiz o mesmo. O padre disse:

– Com as bênçãos a mim investidas, eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva!

Ray me deu um beijo caloroso.

Sáímos da igreja e, do lado de fora, nos esperava um banho de arroz. De lá, fomos direto para a festa, nos jardins de minha casa.

– Eu te amo, Ray! – disse-lhe ao pé do ouvido.

– Eu também – e fez o mesmo, me dando mais um beijo.

A festa corria bem, mas eu notava o Mikey um pouco triste. Fiquei observando durante o tempo em que dancei com Ray. Ele nos olhava com um olhar triste. “Será que estava assim porque perderia o amigo?”, imaginei.

– Ray, meu amor, vá falar com o Mikey. Acho que ele não está muito bem e como sei que são muito amigos, acho que pode animá-lo.

– Claro, meu amor! Vou fazer isso. Já volto – e foi falar com Mikey.

Eles entraram na casa ficaram lá conversando. Pelo menos era o que eu imaginava.

Como Ray estava demorando muito e eu não o tinha visto mais, fui procurá-lo.

– Gerard, você viu o Ray?

– Não, Anne. Ele não estava com você?

– Estava. Foi conversar com o Mikey e até agora não voltou.

Senti apreensão no rosto de Gerard quando disse aquilo.

– O que foi? – perguntei.

– Nada, nada – disse ele empalidecendo.

– O que você está me escondendo? Diga! – mas ele nada respondeu.

Apenas me olhou com um olhar de “sinto muito”.

Saí correndo pra dentro de casa. Corri feito louca, passando por tudo e por todos, sem me preocupar se estava machucando alguém ou me machu-

cando. As minhas suspeitas naquele momento me machucavam mais.

Entrei na cozinha e não vi ninguém. Até a sala estava vazia. Fui ao escritório e nada. A cada cômodo vazio do primeiro andar meu coração apertava. Subi para os quartos e no meu - no meu quarto, na minha casa - vi a pior cena que poderia imaginar: Mikey e Ray nus, juntos na cama. Ray de costas e Mikey o penetrando.

– SEUS IMUNDOS! POR QUÊ? POR QUE VOCES ESTÃO FAZENDO ISSO COMIGO? – as lágrimas cobriam meu rosto e turvavam minha visão.

O rosto dos dois se transformou, assustados. Mikey saiu de cima de Ray e começaram a se vestir, mas eu não deixei.

– NÃO, SEUS PORCOS! VOCÊS VÃO FICAR ASSIM! NÃO É ASSIM QUE VOCÊS QUEREM ESTAR? POIS FIQUEM ASSIM! MIKEY, SAIA JÁ DAQUI!

– Me dê as minhas roupas!

– NÃO! VAI EMBORA AGORA!

Ele saiu apenas com o lençol da cama, coisa que eu não deveria ter deixado, mas...

– POR QUE VOCÊ FEZ ISSO? POR QUE, RAY?

– Anne, por favor, me perdoe! – ele chorava.

– NÃO! NUNCA CONSEGUIREI!

Peguei a tesoura que sempre deixava na mesinha de cabeceira, junto do meu livro, e fui em direção de Ray. Acabamos travando uma luta, até que consegui meu objetivo.

– JÁ QUE VOCÊ QUER SER DOS DOIS, NÃO SERÁ DE NENHUM! – cravei a tesoura em seu peito algumas vezes até ele cair morto. – Me perdoe, meu amor! Eu não queria isso – disse, beijando seus lábios frios. Alisei seus cabelos e me deitei ao seu lado. Cravei a tesoura em meu pescoço e parti ao lado dele.

YOU KNOW WHAT THEY DO TO GUYS LIKE US IN PRISON

por Juliana Fonseca

Os dedos entrelaçados em cima da mesa, os constantes sorrisos trocados. Era um dia especial. Finalmente sairia de seus lábios a frase que ensaiara em frente ao espelho durante semanas. Só esperava que a resposta fosse a mesma que o espelho lhe dava. Os músicos entraram, e o rapaz se levantou, parando em frente à moça de sorriso largo. Ajoelhou-se e a moça riu, achando a cena bobo, mas, ao mesmo tempo, apaixonante. Era o seu amado, chamando a atenção de todo o restaurante para lhe agradecer. E como se fosse um flash, pessoas começaram a gritar formando uma enorme confusão. Homens com rostos cobertos e armas na mão se manifestaram, fazendo o casal se assustar. Os tais homens fizeram de refém a moça que poucos segundos antes se preparava para ser pedida em casamento. O rapaz implorou para que a largassem, mas os homens o ignoraram, dizendo que se ele se aproximasse da “mocinha”, morreria. Lágrimas, súplicas e um estampido. O mais ensurdecedor dos sons. O corpo inerte da moça bateu contra o chão. O rapaz a abraçou, o sangue em suas mãos. Tocou seus lábios mais uma vez, jurando que não seria a última.

I'M NOT OKAY (I PROMISE)

por **Guilherme Shinji**

Jonas imita uma caveira dançando. Se caveiras pudessem ficar em pé e dançar, provavelmente não seria daquele jeito, mas Alice, com a perna engessada, ri pela terceira vez da mesma piada.

Jonas sabe que ela não vai falar, então pergunta:

– E você não vai me dizer por que pulou da janela da escola? Do segundo andar?

Alice pára de rir e, com um lápis, começa a rabiscar alguma coisa no gesso.

– Eu só estava experimentando uma nova aventura.

– Aventura? As pessoas se aventuram caçando crocodilos, entrando na floresta amazônica só com um canivete sem corte, mas não se aventuram pulando de prédios! Principalmente sem pára-quadras.

Ele sabia por que Alice tinha pulado, para que o ex-namorado dela visse. E para que ele soubesse que ela estava triste por ele ter mostrado umas fotografias dela para os moleques da escola. Fotografias em que ela aparecia só de calcinha.

Jonas e Alice eram amigos de infância, com coisas em comum. Ambos tinham tido sarampo na mesma semana, e as mães dos dois tinham fugido

de casa pra ficar com outros homens. Mas desde que viu as fotografias de Alice com pouca roupa sentiu-se diferente.

Descobriu que gostava dela.

Tinha medo que ela fizesse aquilo de novo, que pulasse de um prédio mais alto.

– Quer desenhar no meu gesso também?

Ele não suportaria se ela fizesse aquilo mais uma vez. Queria pular da janela também. Mas não tinha coragem.

– Que merda de vida – ele diz.

– Quê?

– Nada...

Jonas pega o lápis e começa a desenhar uma caveira dançante.

THE GHOST OF YOU

por **Cintia Macena**

Eu criei você com o desenho que bem quis. Pinteí sua boca com o sorriso mais lindo. Eu quis o seu cabelo com este tom, seus olhos com este brilho. Eu achei que combinaria com você. Um certo ar rebelde com uma certa coisa doce, uma certa bossa nova: perfeito. Eu criei. Moldei. Peça por peça do seu corpo, eu delineeí na minha mente, como quem roteiriza detalhes efêmeros, como quem antevê o sucesso. Tomeí conta de cada curva, de cada linha de expressão. Pus alguns defeitos também, pra enfeitar e ter do que reclamar num futuro próximo. Ri. Você era ideal. Foi aí que decidi: soprei em você meu hálito, minha energia. Você deu o primeiro suspiro e ficou maravilhada com o que sentiu. Com a vida. Com o que estava acontecendo no seu agora corpo. Foi aí que você percebeu: você existia. E ficou tão maravilhada, mas tão maravilhada, que nunca percebeu que eu estava ali.

THE JETSET LIFE IS GONNA KILL YOU

por **Guilherme Shinji**

– Dizem que este hotel é mal-assombrado – ela fala, acendendo duas velas.

A luz das velas torna o lugar mais vivo, com as nossas sombras dançando nas paredes. Todos os móveis têm uma fina cobertura de poeira. O hotel está fechado há anos, mas sempre recebe hóspedes inesperados: mendigos ou adolescentes sem nada o que fazer.

– Assombrado por uma mulher que se matou aqui, num destes quartos. Ela tinha família, e o cara também. Mas ela não teve coragem de abandonar a família pra viverem juntos. Às vezes dá pra ouvir uma voz feminina cantando nos corredores.

Sentamo-nos na cama. Os cabelos dela praticamente cobria seu rosto.

– Você acredita nessa história?

– Talvez.

Eu solto uma pequena risada, mas é mais por causa da segunda garrafa de vinho. Ela continua séria, o que faz com que a graça do momento acabe logo. Com uma das mãos tiro o cabelo que lhe cobre os olhos. Mesmo no escuro dá pra ver o olho roxo.

– A gente devia fazer alguma coisa sobre isso – eu falo. – Sobre o seu pai.

- Deixa. Ele é só um velho coitado. E a cirrose dele já tá avançada.
- O que você quer dizer com isso?
- Ele não vai ficar por aqui muito tempo.

Deito na cama, o vinho me deixou zozzo. Ela deita ao meu lado e sinto o calor do seu corpo. Já estou quase dormindo. Talvez eu tenha sonhado, mas acho que a ouvi dizer algo:

- Sabe a mulher que se matou aqui? Era a minha mãe.

INTERLUDE

por Dalton Silva

Uma garota acorda.

– Onde estou? Parece que ouvi alguém me chamando ao longe. Está escuro... Mas parece que posso ver algumas luzes distantes. Aliás, quem é você?

– Pensei que não fosse perguntar. Bom, estou aqui para ajudar a organizar suas idéias e para que você tome algumas decisões.

– Desculpe, esqueci seu nome.

– Eu não lhe disse. Bom, o assunto aqui não sou eu. Você sabe por que está aqui?

– Agora que você falou... Eu não me lembro de ter chegado aqui.

– Pense. Onde você estava ontem?

– Não me lembro o lugar, mas havia muita gente. Gente bonita, contudo, a imagem destas pessoas está pálida na minha memória. Como sombras. Como manequins em uma loja.

– Pense em sua relação afetiva com essas pessoas.

– Eu... estava pensando nisso. Quando falei que pareciam sombras, era justamente isso. Eu não conhecia nenhuma daquelas pessoas, apesar de lembrar vagamente do nome de todas. Estou cansada.

A figura esguia faz um movimento com a cabeça como o de um pássaro para olhar a moça. Um olhar que a deixa acuada.

– Você está em um espaço entre eventos. Há vários nomes para ele. Mas que diferença faz, não é mesmo? Só posso lhe passar uma informação: redenção. Só isso trará as luzes de volta.

Lágrimas brotam, e uma voz chorosa sai do fundo da garganta da garota, clamando pelo que ela pensa serem as luzes.

Em outro lugar, dois paramédicos conversam:

– Tem alguma informação sobre ela?

– Não. Apenas que estava esmagada numa vida glamourosa que a levou a isto.

THANK YOU FOR THE VENOM

por **Guilherme Shinji**

Ainda é final de tarde, mas as nuvens carregadas fazem com que o céu esteja escuro como a noite. Ando na estrada de terra. O carro me segue com os faróis acesos, como olhos observando a minha nuca.

Por quanto tempo mais vai ser assim?

Quando a noite chega de vez, estou completamente encharcado, mas não me importo. Só queria estar longe daqui. Continuo sendo seguido. Vou até a beira da estradinha e procuro uma pedra. Acho uma e jogo na direção das luzes. A pedra acerta o pára-brisa, mas o carro não muda de velocidade.

Dou um chute no pára-choque, como se eu estivesse num filme de artes marciais. O motor acelera e o golpeio mais vezes, dando socos e mais chutes. Paro quando já tem sangue meu no capô. Minhas mãos latejam.

Silêncio.

Volto a caminhar.

O carro está parado.

Acho que ele vai dar meia-volta.

A chuva engrossa mais e, quando penso que estou salvo, as rodas me seguem.

– Christine, o que é que você quer? – eu grito.

O carro pára e os faróis se apagam.

De dentro dele sai uma mulher.

A mais estonteante que eu já tive em minha vida.

– Quero que você volte.

– E por que eu faria isso?

– Porque eu tenho o que o seu vício precisa.

Entramos no carro. Por um instante só ouvimos a chuva caindo no teto. Ela me abraça e me beija. Não esboço resistência. Logo, as roupas de Christine também estão molhadas. E ela dá mais do veneno que me mata aos poucos. Não há mais retorno. Só resta esperar que minha morte seja a menos dolorosa possível.

HANG 'EM HIGH

por **Beatriz Paz**

Era como num filme de banguê-banguê, mas as balas foram substituídas por bolinhas de papel com cuspe, os revólveres por cargas de caneta e os inimigos eram nossos próprios colegas e professor. Não havia disciplina, não havia controle, era tudo surreal, injusto e empoeirado, como num filme de faroeste.

Os mocinhos que nos confrontavam eram garotas com cadernos nas cabeças, o xerife era nosso professor de História, gordinho e com um vasto bigode de arrepiar os cabelos. Os disparos ocupavam todo o local, carteiras serviam de proteção, e não haviam cavalos. Pudera, onde seria possível encontrar montaria numa sala de colégio?

Nós éramos os malvados, participávamos todos de uma simulação de batalha, contudo, entre nós não havia nenhum John Wayne, nenhum galã bravo o suficiente para arriscar o pescoço e ganhar o tiroteio. Como bons bandidos, pegamos um refém, uma garota que não parava de chorar. Ah, se aquela mochila falasse...

No final de tudo, nosso “faroeste” transformou a sala em uma terrível exposição da miséria humana, bolinhas cheias de cuspe por todos os lados, pessoas com acessos de riso e lágrimas nos olhos, e o nosso xerife

não poderia estar mais orgulhoso. Na hora da execução, os mocinhos se vangloriaram: haviam cumprido seu dever de heróis. Enforcaram-nos alto com cadarços de tênis e barbante roubado da sala de artes. Foi uma bela aula de História, eu diria.

IT'S NOT A FASHION STATEMENT, IT'S A DEATHWISH

por **Bárbara Fernandes**

A urgência foi despejada dentro de um aquário onde bóiam um peixe azul de pesar e pedaços de poeira. No dia fez frio no meio da tarde, gelando o jeans e o gole de cerveja. Não busco proteção, porque gelo nenhum machuca mais que este espinho na minha garganta. As mãos levemente roxas. Nos cantos de pele, o mofo encontra casa. O que se passa aí dentro de você eu não gosto de imaginar, porque não me é possível entender. De frio, a tarde escurece e o vento se acentua. E essa falta agora, translúcida, bate-me no rosto e grita des-pautério. Ao lado, passa um cheiro de jasmim morto e lembro-me que não era a água quente que tornava o chá reconfortante. Não há vento que me impeça de acender o cigarro. O gato do telhado produz um som áspero no zinco com sua unha afiada. O fim do sopro onírico emanado dos seus olhos. Apenas este silêncio incompreensível e terra seca. Cumprimento-me no espelho, o esgar da alma pedindo para sair. Engulo com determinação e responsabilidade. Loto ainda mais a caixa das cartas sem destino, não enxergo seu nome perto do meu, e o tempo que não finda e o silêncio alto que não pára. A doença não sai pelos poros. Miro o alvo, erro. Da mão me falta o toque. Mas você está vendo. Fosse quarta, as coisas estariam melhores. Sem você, sem sorrisos ou decepção. Apenas essa cara refletida em copo de cerveja marcada por aquele sinal.

CEMETERY DRIVE

por **Guilherme Shinji**

Clarah volta do banheiro envolta numa toalha e me pega olhando seu vestido, um que o marido dela odeia. Deita na cama ao meu lado. Ela me beija, e uma corrente de eletricidade percorre o meu corpo. Como é que o ele pode tratar mal esta mulher?

– Se um dia eu morresse, você me beijaria? Mesmo eu estando morto?

– Beijaria, sim – ela diz sorrindo –, pra te acordar como se fosse a Bela Adormecida?

– Bom, eu tinha pensado mais no Frankenstein – falo rindo.

– Você quer passar o resto da sua vida comigo?

– E da minha morte também – brinco.

Ela sorriu um sorriso triste que não entendi na hora e, antes que eu pudesse perguntar alguma coisa, ela me beijou e me calou.

Eu não sabia, mas seria o nosso último beijo.

Clarah foi encontrada morta no dia seguinte, no banheiro de sua casa. Um bilhete dizia que se sentia presa ao marido e não via jeito de se libertar.

No dia do funeral, fico trancado em casa bebendo.

A noite chega e saio para as ruas cantando qualquer canção triste que me vem à cabeça. Ando sem rumo e, quando passo pelo cemitério, sei que

cheguei onde queria. Ela está me esperando. Esperando o meu beijo que vai acordá-la. Cavo a terra com as mãos, um túmulo que penso ser dela.

Meu beijo elétrico para a Bela Adormecida.

Minha boca está com gosto de terra, e tomo um gole da garrafa que carrego. Paro o trabalho só para recuperar o fôlego. Encosto a cabeça na vala e, pouco antes de cair no sono, uma chuva fina começa a cair.

Estou chegando, Clarah, estou chegando...

I NEVER TOLD YOU WHAT I DO FOR A LIVING

por Rita Valdes

Um cara elegante, usando terno, cabelos bem penteados pra trás e barba bem-feita, com um ar irônico, segura minha mão e diz que eu fiz a coisa certa, diz que eu sou uma mulher livre agora. Esse mesmo homem está com a cabeça caída na mesa do escritório, com uma faca enfiada no pescoço. Realmente me sinto mais livre...

Rock, pó, álcool, barulho, homens, mulheres, todas têm um sorriso lindo depois que você cheirou todas as carreiras possíveis, até mesmo as banguelas. E eu amo todas elas. Quero experimentar todas as mulheres do mundo, me apaixonar por todas, pelo menos por meia hora... E quero ter os caras também, quero que se apaixonem por mim e me deixem passar por cima deles, exatamente do modo como já passaram por cima de mim.

O coração bate rápido, sinto falta de ar, estou tonta; ouço som de batidas, me perco na estrada, fujo e acordo em um hotel. Ainda não sei distinguir se o que aconteceu foi real ou mais uma viagem, uma bad trip qualquer. Cada dia que passa fica mais difícil saber o que é verdade. Volto para o mesmo lugar, e o cara continua na mesa, o sangue ainda escorre... Ou eu matei esse cara ou esta é minha maior bad trip ever... e isso não me assusta.

ESCOLHA DA AUDIÊNCIA

Os rumos da nova literatura podem – e devem – explorar a interconexão entre as pessoas, indo além do que já se rotulou de “colaborativo”. Não se trata de participação de todos em um livro, mas se trata, sim, de um caldeirão de cultura, pop ou não, que trabalham de maneira quase onisciente difundindo leitura, escritos e uma empolgante criação de elementos novos. Assim, todos podem se forçar a ir além. De imberbes jovens de doze anos cujos sonhos são tornarem-se escritores profissionais, aos mais conservadores que anseiam por um respiro literário. Por isso a MOJO acredita na palavra de seus leitores. Por isso, agora, você tem uma amostra de como há, de verdade, possibilidades para todos que querem escrever – e de como os leitores anseiam por isso.

Os Editores

HELENA

por Aléxia Milena

Não há nada que eu possa fazer. Ela se foi e eu fiquei aqui. Já faz algum tempo, mas ainda sinto a mesma dor que antes. Dói saber que não vou poder mais abraçá-la, não vou poder lhe perguntar como foi seu dia. Não vou ver suas lágrimas nem vou mais ver seu sorriso. Você partiu muitos corações quando morreu, deixou um buraco na vida de cada um com quem conviveu. Sua morte foi imprevisível. Apesar dos pesares, querida, você era uma ótima pessoa. Eu te amava. Muito. Ainda amo. E a única coisa da qual me arrependo foi não ter ficado mais tempo com você. Agora vejo que só damos valor quando perdemos. Eu deveria ter aproveitado mais sua presença enquanto vivia. Talvez, quando finalmente chegar a minha hora, eu me encontre com você. Mas não quero ser tão infantil a ponto de me destruir, realmente não quero. Não tenho certeza se existe outro mundo. Ninguém sabe. Se soubessem, se tivessem certeza, estariam todos mortos, pois ninguém mais quer viver aqui. É tudo ou nada, realmente.

E de você ficaram ossos, ficaram lembranças, ficaram fotografias, ficou amor. E ficou este vazio que me acompanha pelo resto da vida.

GIVE 'EM HELL, KID

por Camila M.S. da Silva

“Seria mais fácil se você estivesse aqui. Eu não sentiria isto”, ele pensa enquanto foge de tudo o que ele mesmo causou. A vida dele é resultado de tudo o que fez. Mas não era pra ser desse jeito, não mesmo.

Pouca idade, e ele é uma confusão; ele está naquele caminho sem volta e continua. Correndo, ele se lembra dos sonhos que tivera ao lado dela, seu jeito de não ligar para as coisas, de não ter seriedade.

Os pensamentos passam e, ao mesmo tempo não existem. Ele não sabe fugir da saudade; se ela estivesse ali não seria do mesmo jeito.

Talvez correr dos pensamentos não fosse tão difícil, mas ela não estava. Ela não dizia, ela não sonhava mais ao seu lado. Ele não sabia, mas ela nem mesmo existia mais.

Para ele, ela foi tentar fazer algo por si mesma, mas o que cada um acha que é o melhor para si é bem distinto.

“Será que ela pensa nisso também?”

Ele não tem resposta. Eles pouco se importam, não se importam com nada.

As pessoas se dispersam, e o crime parece diversão. Ele sabe que não pode fugir pra sempre também. Ela não está lá, ela não poderá confortar.

Ela não está por perto, ela não dirá uma só palavra. Isso ele não queria, mas tem certeza!

Eles o pegaram, por fim.

TO THE END

por Sandro Vieira Vox

Sabia que tinha de correr. Não importava pra onde, mas precisava muito sair de onde estava.

O tempo parecia estar se esgotando. Cada hora ali se transformava em um dia, cada dia em semanas. O pequeno apartamento não suportava mais os dois, e mesmo que ambos tentassem de todos os modos desencontrar seus horários, cheiro, gosto e atos permaneciam por todos os cômodos. Com ou sem a presença física de um ou de outro.

Havia decidido agüentar até o final da semana passada, mas imprevistos financeiros o fizeram desistir da idéia. E, claro, não era só isso. Se não era fácil continuar, era ainda mais difícil sair. A dor de perder seu bem mais valioso latejava junto ao sangue que corria em suas veias e parecia aumentar cada momento que a lembrança do rosto de Daniela lhe vinha à mente. Sangue pulsando no coração partido.

Não era sua primeira decepção amorosa e, assim como fora responsável direto por outras tantas, dessa vez sabia que estava fora do seu alcance mudar o que estava sacramentado. Precisava se conformar, acreditar na vida pós-rompimento. Dar o primeiro passo, nem que fosse seu último, e isso só seria possível quando a última gota de esperança deixasse de atormentá-lo

com fantasias sobre o amor perfeito e a eterna felicidade. E, no seu caso, amor e felicidade eram duas coisas que dificilmente andavam juntas. Ou estava feliz ou estava amando.

E, afinal, é pra isso mesmo que começamos. Para chegar ao fim!

YOU KNOW WHAT THEY DO TO GUYS LIKE US IN PRISON

por Felipe Rabuske Costa

Estávamos almoçando juntos pela primeira vez. Eu estava meio nervoso e suava frio, mas tentava parecer calmo, apesar de tremer por dentro. Era chegada a hora de fazer a pergunta:

– Eu... bem... eu... uh... – mas não tive tempo de começar.

Nesse exato momento entraram cinco homens armados, prontos para matar qualquer no caminho. O maior deles agarrou a garota que me acompanhava pelo braço e a fez de refém.

– Todos com as mãos para cima! – gritou o ruivo.

Não pude me controlar; desde pequeno aprendi que não devemos nos rebaixar. Mas maldita hora que aprendi isso. Sem pensar, peguei a arma que carregava comigo e a única coisa de que me lembro ouvir foi o estardalhaço dos pombos e o barulho de um corpo caindo. Antes que eu percebesse, estava sendo algemado, carregado, julgado, trancado, torturado.

Na prisão, fui forçado pelos valentões assassinos a me vestir de mulher e a fazer abdominais. Mas nem me importava, já estava ficando louco de qualquer jeito. Dentro de mim, uma raiva nunca vista foi crescendo, e o desejo de vingança foi tomando conta de minhas veias. Meus amigos e a garota me abandonaram e, se existe o Inferno, com certeza aquele era o lugar.

Mas o dia que esperava chegou. O dia da liberdade, o dia da VINGANÇA.
A única coisa em que penso, enquanto escrevo isto, é como estou feliz vendo os corpos dos quatro filhos da puta sendo incinerados.

I'M NOT OKAY (I PROMISE)

por **Isabela Cristina B. Alvim**

Jimmy tinha feito tudo o que esteve ao seu alcance. Mesmo que tivessem brigado feio por culpa dele, foi honesto com ela ao pedir para não fugir com o namorado. Ele não a amava da mesma maneira. Ela insistia em ver a vida como não era: sempre cheia de aventuras. Lembrou-se vagamente do dia em que Jéssica pulou do segundo andar de casa e quebrou o pé. Tempos depois, apareceu com fotos provocativas que o namorado havia tirado – o motivo real da briga, pelo qual ele a chamou de prostituta. Jimmy e Jéssica eram tão amigos que ela dizia lê-lo como a um livro. Mas, por Deus, se ela o pudesse ver assim, veria que ele realmente estava rasgado. Era a sua menina que estava indo, ela que sempre dizia que o amava. Mas era ingênua, nunca soube realmente lidar com as palavras. Ele respondia que também a amava. Ela apenas ria. Ele dizia estar bem nesses momentos. Quando ela se foi, abraçou-o pela última vez e ele pediu que ela ficasse. “Você apenas precisa me ouvir, porque eu estou dizendo a verdade”, ela sorriu. “Confie em mim, vai dar tudo certo.” Algum tempo, depois recebeu uma mensagem em seu celular. “Sinto sua falta. Você está bem?”. Ele respirou fundo, sabia que a havia decepcionado e tinha de deixá-la ir. “Eu não estou bem.”

THE GHOST OF YOU

por Camila Moura Alves

Nem todo fim é um fim. Às vezes, um fim também é um começo. Quando a nossa amizade acabou, bem, foi aí que tudo começou.

Nós parecíamos inseparáveis. Mas não éramos. E eu deveria saber que era assim. Um dia eu decidi contar para ela que gostava dele, mas não ouvi a resposta que queria, o que eu ouvi foi um “eu também”.

Nesse momento eu soube que tudo tinha acabado.

A partir daquele dia nos não nos falamos mais, e foi muito difícil saber que ela já não compartilhava seus segredos e sorrisos comigo. Um dia a mãe dela me ligou:

– Ela está aí?

– Não, não está.

– Ela sumiu desde ontem, já liguei pra todos os conhecidos, estou preocupada.

Apesar de tudo, eu me preocupava com ela. Comecei a pensar onde ela poderia estar. De repente me lembrei de uma praça; ela adorava aquele lugar, não sei por que, não tinha nada de especial lá.

Corri o mais rápido que eu pude, mas quando cheguei lá já era tarde demais. Ela estava deitada na grama, sangrando muito, uma pistola em sua mão.

– O que você fez? – berrei desesperada.

– Eu sei que você não pode simplesmente me esquecer, mas eu bem que tentei esquecer você...

– O quê? – eu não conseguia entender.

– Quando você morrer, estaremos juntas de novo.

Disse isso, suspirou e morreu em meus braços.

Já faz um tempo que tudo aconteceu. Mas mesmo assim eu quase sempre me pego pensando nela. Não posso fazer nada. Ela é o fantasma que me acompanha.

JETSET LIFE IS GONNA KILL YOU

por **Beatriz Paz**

A chuva o condena, e o asfalto molhado machuca os pés descalços sob ele. O desespero é nítido, o modo como corre denuncia sua sede por liberdade. É uma noite diferente das demais; é uma escapada, uma batalha contra a clausura, contra a insanidade, contra algo que não pode ser derrotado.

Saldos bancários exuberantes, roupas das melhores marcas, grifes por todo o guarda-roupa, na pele os melhores perfumes, na cabeça as melhores lembranças boêmias dos melhores lugares do mundo. As únicas cores que via eram o verde das notas de cem dólares e o dourado das jóias que comprava para suas amantes. “Isso é inofensivo, é só uma melhor condição de vida.” Ele percebeu que afundava mais e mais a cada novo gole, a cada nova compra, a cada nova “noitada”.

Seu jatinho permanece intacto, suas roupas agora estão empoeiradas, a única cor que veste é branco. A única cor que vê é branco, a única jóia que usa é uma camisa-de-força, a única bebida que ingere é a metadona; suas noitadas são agora pesadelos, sua boemia tornou-se agonia. Ele não prestou atenção, o haviam avisado, mas ele, como sempre, não se importou.

“A vida de jetset vai te matar.” É o que repete a si mesmo todos os dias, todas as horas, trancado numa sala de hospício.

INTERLUDE

por Ana Paula Tebexerini

Ao sair de casa se depara com o pior inimigo: a morte. Lembra que ainda existe amor, mas agora é tarde. Nenhum santo, nenhum anjo podem ajudá-lo neste momento. Será apenas a mão fria de um desconhecido que acabará com o amor de todo o sempre. Pessoas vão, mas os sentimentos nem a morte é capaz de exterminar..

Brigas sem sentido, amores antigos esquecidos apenas por falsos momentos de angústia! Por palavras que machucam mais que canivetes. Ele sai e quando, no meio de seu caminho, se arrepende, já é tarde para ele. Um desconhecido irá arrancar dele palavras que jamais poderão ser ditas. Ainda sem desconfiar, vai a um lugar e compra flores. Ao voltar, no caminho de casa, a chuva começa a cair e um estranho se aproxima.

Quando menos espera a mão desconhecida o machuca com uma faca. Ao tentar se defender, cai e amassa o buquê de rosas. Com um olhar de desespero põe a mão na barriga e sente o sangue quente correndo junto com a chuva. Ao tentar dizer suas últimas palavras, o estranho levanta o punho com a faca. Antes do último golpe grita por ajuda, mas agora é tarde! Com uma última punhalada na barriga, ele finalmente começa a perder a visão. Pela última vez profere uma palavra: o nome de sua amada!

Nesse momento, da janela de casa, ela chora, esperando-o. Mas agora não há volta: ele se foi... para nunca mais voltar.

THANK YOU FOR THE VENOM

por **Lella Oliveira**

Era uma vez um cara que ninguém conhecia. Podiam conviver com ele por tempos, mas ninguém sabia seu nome, a cidade de onde vinha, não conheciam sua família — se é que ele tinha alguém nesta vida. Muito estranho para quem se apresenta com ator, que viaja o mundo para levar sua arte e interpretação.

Estranhamente, seus textos não falam de rosas e de amores adolescentes, e sim de tragédias, principalmente daquelas que ele mesmo viveu. Sem falar nomes ou dizer o que aconteceu, seu intuito era, por intermédio da arte, mostrar às pessoas naquele palco um pedaço de suas vidas.

Eles não tinham nenhum laço, a não ser o laço entre o artista e o público. Ele usava as palavras, às vezes torpes, para dizer como essas pessoas deveriam viver após ter sofrido algo ruim. Às vezes, momentos são difíceis de engolir; têm gosto amargo, como um veneno, que pode matar sonhos ou desejos, além de tirar a vida. Embora algo maravilhoso fosse dito naquele palco, e que alguém tentasse continuar normalmente sua vida, nada poderia mudar o teor e a importância que uma tragédia traz para vida. Esse cara acreditava identificar o que cada pessoa que assistia, já tinha vivido, e, com suas palavras, não tentava convertê-las, mas capturar para si essas

experiências e levá-las o mais longe que ele conseguisse. Talvez esse tenha sido o modo que ele encontrou de continuar vivendo, fazendo dos momentos ruins apenas mais uma experiência a ser levada adiante.

HANG 'EM HIGH

por Ana Flávia de Castro

Um casal recém-casado. O marido, Matt, ama sua mulher mais do que a própria vida. Helena, a esposa, ama outro, Bob, o melhor amigo de seu marido. Helena não agüenta mais a pressão de um amor que não está fazendo bem e desiste de tudo. Para não magoar seu Matt, sem pensar nas conseqüências, atira nele sem olhar pra trás. Com a ajuda de Bob, ela o enterra.

Mas o coração de Matt está com ela, então, ele volta! Nada impediria Matt de dar a eles o que realmente mereciam. Quando ela o vê, começa a chorar e não consegue dizer nada. Ele chega bem perto dela e olha fundo em seus olhos; ela consegue ver todo o sofrimento que está no coração dele. Momentos depois, ela se enforca. Mas mesmo assim Matt não satisfaz sua vingança. Ele se aproxima de Bob, que fica sem reação alguma após ver Matt com aqueles olhos negros e sua pele pálida. Matt enforca Bob ao lado de Helena. Os corpos ficam lá, debaixo de um sol que espera para desbotar suas roupas pretas. As almas deles vagam sem descanso. Foi o castigo deles. Matt está em paz.

IT'S NOT A FASHION STATEMENT, IT'S A DEATHWISH

por João Victor da Silva Oliveira

Os portões tinham aspecto menos tenebroso à luz do sol, pensei, quando entrei com ela, certo dia, para sentar-me por algumas horas ao lado de um jazigo castigado pelo tempo. Tinha uma parte do nome esculpido em pedra. Ficamos ali, imóveis, olhando-o com atenção, retirando as impurezas que teimavam em pousar sobre a decoração, com os olhos em pranto.

Todo dia era assim, mas hoje tudo estava diferente. Agora, o único brilho presente era o da lua, que reinava do alto, majestosa e imponente. Os anjos sobre os mausoléus nos assustavam com suas formas horripilantes. Mais à frente estava o casebre de mármore onde nos escondíamos para observar choros e lamúrias de alguém que não se movia. De repente, como se caísse em um transe, reparei que o lugar estava com a porta aberta. Nesse horário não teria ninguém. Apenas uma caixa grande rodeada de velas se encontrava em um repouso obscuro. Ao chegar próximo, notei que alguém dormia nela. Sem demora, como se tivesse recebido uma descarga elétrica, percebi o que não podia ser real. Mas era. O corpo que jazia envolto em sombras e na escuridão pertencia a ela. O frio da noite me cobriu num salto, apertando a névoa cada vez mais perto de mim, fluindo em meu corpo a chama da morte.

A nossa fantasia não podia existir. Contos de fadas não existem, e a morte agora é um desejo. Feche os olhos, meu bem, e me espere para o único matrimônio eterno: o da morte.

CEMITERY DRIVE

por **Caroline Leite Grieco**

Eu a observei com uma cerveja na mão. Vi-a entrar no cemitério. Estava trajando um vestido que eu odeio. Ela arrombou o portão, bêbada, e caminhou dançando e rodopiando até um mausoléu. Lá, como se não conseguisse mais suportar seu peso, caiu de joelhos. Tempos depois, se levantou e foi cambaleando até a saída. Sai correndo. Cheguei em nosso apartamento tomado pela fúria. Fui ao nosso quarto e olhei profundamente a cama onde tudo começou. Abri a gaveta: a arma carregada. Olhei-a e pensei no que tinha feito dias antes. Mas nada do que fiz acalmou o monstro que urrava em meu peito. Só tinha uma forma de acalmá-lo: peguei a arma e corri pro banheiro. Segundos depois, ouvi uma porta se abrir. Me escondi. Ela entrou no banheiro e se olhou no espelho, chorando. Mas eu não me importava com ela, eu tinha apenas o monstro dentro de mim pedindo para fazer algo que não era muito legal. Comecei a cantar uma música. Nossa música, a do dia em que nos conhecemos. Ela olhou, assustada, para os lados e chorou mais ainda. Apareci por trás das cortinas do chuveiro. “Desculpe”, ela disse. Puxei o gatilho. Um, dois, três, quatro tiros. Com os olhos arregalados e uma expressão de choque, ela caiu no chão e permaneceu imóvel. “Agora te desculpo”, respondi. Abaixei-me e fitei-a. Uma onda de desespero me

invadiu - culpa, arrependimento. Acariciei seus cabelos e lhe dei um beijo nos lábios, lábios agora mortos. Um novo monstro surgiu. Um que fazia eu me sentir derrotado e sozinho. Não suportaria. Apontei a arma para minha cabeça e atirei.

I NEVER TOLD YOU WHAT I DO FOR A LIVING

por Catherine Jimenez

O dia estava nublado, e eu (Steve McGool) me arrumava para mais um massacre. Ninguém sabia onde eu trabalhava, afinal, meus ataques eram noturnos. Enquanto não anoitecia, escolhi minha nova vítima: menina de 26 anos, cabelos lisos e olhos azuis. Andava sozinha por aqueles bosques sombrios e mal sabia que dali a horas não pertenceria a este mundo infame.

Anoiteceu e fui em busca da garota. Só tinha em mãos a descrição física e seu nome: Anne Hail. Como previa, avistei-a. Algo em mim quase fez com que recuasse. Engoli em seco e prossegui. Ela não me viu, e olhei em volta para ver se não havia ninguém. Estávamos sozinhos, então encurrelei-a. Ela soltava berros abafados e eu a enforcava. Foi então que percebi aquele rosto alvo e olhos azuis chorosos. O que eu temia aconteceu: apaixonei-me e soltei-a. Corri o mais rápido possível, torcendo para que Jack Williams, meu comparsa, não me visse. Tentativa inútil! Jack entrou na minha frente com ela em seus braços. Com um sorriso sarcástico e dois tiros em Anne, fez o que eu não pretendia e fugiu. Eu, com ela em meus braços, vendo-a morrer, só conseguir cantar, em prantos, com minha voz rouca e solitária: "never again... and never again. They gave two shots to the back of the head; And We're all dead now".



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br

apoio:



Warner Music
Brasil